

# Zetho Cunha Gonçalves – Os sonhos pedem cafuné

– Mãe,  
sonhei com o deserto,  
mas não vi passar a serpente.

– Meu filho,  
se aquilo que sonhaste não chega  
para encheres a barriga  
ao teu desejo e ao teu sossego,  
canta,  
canta, com a voz voltada para o nascente,  
enquanto lavras,  
e lavras a força  
e a dança do leopardo.

– Mãe,  
sonhei com a floresta,  
mas a floresta não tinha céu,  
não crescia da Terra,  
não tinha árvores nem capim.

– Meu filho,  
se aquilo que sonhaste não presta,  
joga tudo no fogo, pela manhã,  
e diz:

“Bom dia,  
ó Dia acabado de nascer,  
bom dia!

Faz  
com que os ancestrais  
devorem todos os meus medos,  
aceitem esta pequena labareda  
e espantem dos nossos caminhos o Kapapa

e os Cazumbis!

Bom dia,  
ó Dia acabado de nascer,  
bom dia!"

– Mãe,  
sonhei com o rio,  
mas não vi a água que ele levava,  
não sei se tinha peixe  
ou jacaré.

– Meu filho,  
se aquilo que sonhaste te deixou confuso,  
lava-te na primeira água da chuva,  
antes de te sentares na pedra,  
com as mãos estendidas para o fogo,  
à espera da noite.

– Mãe,  
sonhei tanto, tanto,  
esta noite!...

– Meu filho,  
deita aqui a tua cabeça,  
porque meus  
são os prodígios e os teus dias,  
que crescem,  
crescem,  
a encantar os horizontes,  
iluminando  
a tua altura de menino.

Deita,  
deita aqui a tua cabeça,  
meu filho.

**Zetho Cunha Gonçalves, Rio sem margem**